



Eduardo Campos Antes e Depois da Morte: A Mudança de Discurso nas Reportagens da Revista Veja¹

Gabrielle da Silva PAIVA²
Luiza Carvalho de OLIVEIRA³
Mariana da Costa DIAS⁴
Cíntia Cerqueira CUNHA⁵
Universidade de Uberaba, Uberaba, MG

RESUMO

O presente trabalho analisa o tom no discurso da *Revista Veja* sobre Eduardo Campos antes e depois do trágico acidente no dia 13 de agosto, com o objetivo de concluir se houve mudanças, ou não, no tratamento dado ao político. Para isso, foi feita a análise de seis edições: duas anteriores à morte do presidente e quatro após, incluindo a edição “póstuma”. No estudo, foi analisado o posicionamento da *Veja* a respeito do candidato, indiretamente mostrando sua posição política e sua linha editorial. Conclui-se, por fim, se a revista tratou ou não Eduardo Campos como um mito após a morte.

PALAVRAS-CHAVE: Revista *Veja*; Eduardo Campos; morte; mito.

INTRODUÇÃO

Tragédias, assassinatos, mortes inesperadas e outras barbaridades são sempre ganchos para coberturas jornalísticas. Mas até que ponto um veículo de comunicação permite mudar sua abordagem editorial depois de alguns acontecimentos?

Segundo Mário Erbolato (1991), as notícias variam no tempo, pois o que ontem foi importante, hoje poderá não ser mais. O mesmo acontece ao contrário. O que ontem não era noticiável, hoje pode ser foco em todos os meios de comunicação.

O acidente aéreo que matou Eduardo Campos foi tema de diversas reportagens em revistas, jornais, noticiários na TV e no rádio, em todo o país. Alguns veículos de comunicação exploraram a reviravolta na disputa das eleições presidenciais, enquanto outros abordaram assuntos pessoais e familiares do político.

¹ Trabalho apresentado no II 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Aluna do 7º período de Jornalismo da Universidade de Uberaba – Uniube, Uberaba – MG, e-mail: gabrielledspaiva@gmail.com

³ Aluna do 7º período de Jornalismo da Universidade de Uberaba – Uniube, Uberaba – MG, e-mail: jornalista luizacarlo@gmail.com

⁴ Aluna do 7º período de Jornalismo da Universidade de Uberaba – Uniube, Uberaba – MG, e-mail: mariana.costadias@hotmail.com

⁵ Orientadora do Trabalho. Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade de Uberaba, Uniube, Uberaba – MG, e-mail: cintia.cunha@uniube.br

Na edição seguinte após a trágica morte do ex-candidato à Presidência do Brasil, as quatro maiores revistas do país (*Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Carta Capital*) circulavam nas bancas com capas semelhantes, todas dando destaque a Eduardo Campos, que anteriormente jamais havia conseguido tal feito em uma revista com circulação nacional.

A morte trágica de um político jovem, talentoso, neto de um lendário governador de Pernambuco (...) provocaria tristeza e geraria alguma espécie de culto à personalidade. É normal que o eleitorado reaja assim. O que não é correto é que os meios de comunicação transformem biografias em hagiografias e canonizem acriticamente o líder falecido (Brickmann, 2014).

A partir dessas considerações, este estudo busca revelar o posicionamento da revista *Veja* antes e depois da morte de Eduardo Campos, devido à importância do fato em si e da análise dos discursos estabelecidos pelos meios de comunicação no país. Por que a morte inesperada de alguém, em segundo plano na disputa das eleições no país, é tratada de forma com que a vítima se torne um herói?

EDUARDO CAMPOS: A TRAJETÓRIA

Filho do poeta e cronista Maximiano Accioly Campos com a ex-deputada federal e atual ministra do Tribunal de Contas da União, Ana Lúcia Arraes de Alencar, Eduardo Henrique Accioly Campos nasceu em Recife no dia 10 de agosto de 1965. Era neto de Miguel Arraes de Alencar, ex-governador de Pernambuco, sendo considerado seu principal herdeiro político.⁶

Eduardo era formado em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde começou sua militância política como presidente do Diretório Acadêmico. Foi deputado estadual, secretário do governo e da Fazenda, e foi reeleito em 1998 para a Câmara Federal como deputado mais votado de Pernambuco. Seu terceiro mandato como deputado veio em 2002, quando se tornou um dos principais articuladores do governo Lula. No ano seguinte, assumiu a pasta de Ciência e Tecnologia e, em 2005, chegou à presidência nacional de seu partido. Foi eleito governador de Pernambuco em 2006 e conquistou a reeleição ainda no primeiro turno, sendo o governador mais bem votado do Brasil em 2010. Neste ano de 2014, lançou-se candidato à Presidência pelo PSB.⁷

⁶ Fonte: Wikipedia. Acesso em: 24 de setembro de 2014. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Campos>

⁷ Fonte: Último Segundo. Acesso em: 24 de setembro de 2014.

<<http://ultimosegundo.ig.com.br/eduardo-campos/53e8e19a08ec508e5700009c.html>>



Era uma quarta-feira, 13 de agosto. No auge de sua carreira política e com a agenda de compromissos cheia por conta da campanha presidencial, Eduardo foi uma das vítimas fatais de um grave acidente aéreo em Santos. Nesse instante, seu nome se tornou o destaque de todos os noticiários, em todos os meios de comunicação. A princípio, a reação de todos era de choque e surpresa, já que ninguém esperava por um acontecimento de tal magnitude em meio a um período eleitoral.

Os dias que se seguiram ao acidente foram de incertezas: tanto sobre os motivos que levaram ao desastre aéreo, quanto sobre o futuro incerto das eleições e a reviravolta política. Uma coisa é fato: A Eleição 2014, com tantas turbulências, é um momento que vai entrar para os livros de História.

A última pesquisa realizada pelo Ibope antes da morte do presidenciável foi divulgada no dia 7 de agosto. Eduardo Campos tinha apenas 9% das intenções de voto e não passaria, portanto, para um possível segundo turno.⁸ Após sua morte, o cenário da eleição para presidente mudou radicalmente com a entrada de Marina Silva e a queda da intenção de votos para a candidata à reeleição, Dilma Rousseff.

EDUARDO CAMPOS NA REVISTA VEJA

Foram analisadas as edições de 30 de julho e 6 de agosto – as duas últimas edições da *Veja* antes da morte de Eduardo Campos; a edição de 13 de agosto, que foi lançada exatamente no mesmo dia do acidente aéreo; a edição do dia 20 de agosto – a qual capa e matéria principal trata somente de Campos - e dos dias 27 de agosto e 10 de setembro, posteriores à tragédia que mudou significativamente o cenário político das eleições de 2014.

Na *Veja* de 30 de julho de 2014, que trouxe a capa *Apagão da Diplomacia*, o nome do candidato à Presidência não foi citado sequer uma vez. Há 65 dias do primeiro turno e 25 dias depois da data limite para registros dos candidatos, a campanha eleitoral gratuita no rádio e TV ainda nem havia começado. A revista semanal dava destaque, nessa edição, ao silêncio e neutralidade do governo brasileiro diante do crime contra o Boeing da *Malaysia Airlines* cometido pela Rússia e os ataques em Israel, enquanto o mesmo governo dava “tratamento servil ao ditador de Cuba”, concluindo a “falência moral da política externa de Dilma”.

A edição, em geral, se tratando de temas políticos, dá destaque aos escândalos do governo Dilma, envolvendo propinas, prejuízos e até a corrupção na Petrobras. Além da

⁸ Fonte: UOL. Acesso em 24 de novembro de 2014.
<<http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/08/07/ibope-dilma-tem-38-aecio-23-e-campos-9-das-intencoes-de-voto.htm>>



candidata à reeleição, cujo nome é presente do começo ao fim da revista, o único oponente citado é Aécio Neves, que recebe destaque na matéria “Caça ao Tucano”.

Já na edição do dia 6 de agosto, o foco principal da revista foi a CPI da Petrobras, na qual *Veja* acusa o governo e a liderança do PT de fraude e “comprova” o fato com uma conversa gravada em um vídeo. Eduardo Campos aparece na editoria *Panorama*, com foco nas eleições de 2014. Na colaboração de Adriano Ceolini e Daniel Pereira, Campos é citado na nota intitulada *Culpa da Marina*, onde Lula previa uma “derrota fragorosa de seu antigo aliado”. “Para o petista, Eduardo terá uma desempenho pior do que o registrado em 2010 por Marina Silva, que é a vice do socialista”. Ainda segundo a nota, Lula afirmou que Marina seria a responsável pelo fracasso de Eduardo e que o ex-presidente teria esperança de que Campos apoiasse Dilma em um eventual segundo turno da corrida presidencial.

A outra menção feita ao socialista está na matéria *Riscos e Ameaças de 2015* da editoria *Economia*, a qual fala dos fantasmas da Inflação, Contas Públicas, Taxa de Câmbio, Combustíveis, Energia e Bancos Públicos para o próximo ano.

Com a reeleição de Dilma espera-se a manutenção de uma política econômica não muito distinta da atual. Já os principais candidatos da oposição, Aécio Neves e Eduardo Campos, prometem uma correção de rumo logo no início do mandato. (VEJA, 2014, ed. 2.385, p. 74)

Por fim, a última citação com o nome de Campos surge em uma tabela, no fim da mesma matéria anterior, porém, com o título *O que dizem os candidatos*. Nesta tabela, há a comparação de opiniões e possíveis soluções de Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB) e Eduardo Campos (PSB) – os três principais candidatos à Presidência – sobre os assuntos Investimentos, Reforma Tributária, Reajustes e Tamanho do Estado.

No dia 13 de agosto de 2014, dia do acidente que matou Eduardo Campos, a *Veja* lançava a edição 2.386 sem nunca imaginar como o dia terminaria. O destaque na capa era a contadora Meire Poza, que trabalhava com o caixa do doleiro Alberto Youssef. Na manchete, a frase *Eram malas e malas de dinheiro* chama a atenção para revelações exclusivas sobre a lavagem de dinheiro envolvendo o PT, PMDB e PP.

No dia em que o avião de Campos caiu em Santos (SP), o presidenciável teve seu nome discretamente citado na revista, por duas vezes. Na coluna Radar, da editoria *Panorama*, uma nota intitulada *O nome* conta que Campos sondou o presidente da Febraban, Murilo Portugal, para cuidar do programa econômico na campanha e que, em caso de vitória, poderia se tornar um dos condutores da economia brasileira. Já na matéria *A anfitriã das*

Eleições, na editoria *Celebridades*, Fafá de Belém fala em sua entrevista sobre receber candidatos à Presidência para jantares. Com uma foto posando ao lado de Aécio e Eduardo, a cantora fala de Campos o chamando de Dudu, mostrando proximidade ao então candidato.

Uma semana após a tragédia, a capa da revista *Veja* do dia 20 de agosto é estampada pelo rosto de Eduardo Campos olhando para o horizonte com efeito de pintura. Para reforçar a imagem, literalmente, de um “herói”, há a frase que Eduardo Campos disse finalizando sua entrevista ao *Jornal Nacional*, na véspera da sua morte: “Não vamos desistir do Brasil”.

Das 126 páginas da edição 2.387 da *Veja*, Eduardo Campos foi citado em 19 – 15 delas dedicadas à matéria especial. O primeiro texto totalmente dedicado ao candidato morto foi o *Carta ao Leitor* (p.10). Nele, a revista coloca Campos como um “líder carismático e moderado” e que “um país como o Brasil carece desse tipo de homem público tanto quanto as pessoas precisam do ar que respiram”. Ao longo do texto, o(s) autor(es) lamenta(m) a morte do socialista, que estava em terceiro lugar na pesquisas com 9% de intenções de voto. “Mas se não tivesse sido tragicamente interrompida, sua trajetória continuaria a evoluir rumo ao topo. O Brasil sentirá sua falta”, finalizam o texto.

Ainda demonstrando certa tristeza pela morte do Eduardo Campos, a editoria *Sobe Desce* traz uma nota intitulada *Agosto*, na qual há a comparação da morte trágica do candidato com outros fatos marcantes envolvendo líderes do país que aconteceram justamente no mês de agosto. “Com o suicídio de Getúlio Vargas, o acidente fatal de Juscelino Kubistchek, a renúncia de Jânio Quadros e, agora, a morte de Eduardo Campos, ele provou ser o mais infausto dos meses para os políticos brasileiros”, citava a nota.

Na editoria *Panorama - Veja Essa*, há outra menção a Eduardo Campos no *Epígrafe da Semana*, com os seguintes dizeres: “A pretexto da tragédia ocorrida com Eduardo Campos, candidato do PSB à Presidência da República ‘A morte não é um acontecimento da vida. A morte não pode ser vivida’ (Ludwig Wittgenstein, filósofo austríaco (1889-1951))”.

A reportagem especial sobre a morte de Eduardo Campos é iniciada com o seguinte título e subtítulo: “VOO PARA A MORTE - Um trágico acidente de avião encerra precocemente a trajetória do pernambucano Eduardo Campos, o candidato à Presidência da República que queria dar cara nova à cena política brasileira”. Para iniciar a matéria, os jornalistas Cecília Ritto, Kalleo Coura e Pieter Zalis relembam, com detalhes, o momento que Campos pegava o jatinho no Rio de Janeiro. Em três páginas, os jornalistas descreveram desde início da carreira política de Eduardo Campos, passando pelos “Eduardos” pai, político e marido, até o desabafo sobre sua morte feita pela esposa, Renata Campos: “Estou com essa sensação de que a morte bateu na porta errada”.



Em seguida, Coura e Zalis impactam os leitores com a decisão tomada pelas autoridades logo após a morte de Campos: a sucessão da vice Marina Silva. Com o título *A Sucessora*, os repórteres destacam que a entrada da acreana no lugar de Eduardo Campos é ruim para Dilma Rousseff, porque forçaria o segundo turno, e também para Aécio Neves – porque nada garantiria que seria ele a chegar lá. Para enfatizar o “clima” de suspense sobre esta nova mudança no cenário político, foi inserida, em uma página inteira, uma foto de Marina Silva através do vidro de um carro com pingos de chuva com a legenda “*FUTURO NEBULOSO - Marina Silva: o próximo fenômeno eleitoral?*”.

Nesta matéria, foi dada a continuidade à morte do candidato do PSB. Na quarta-feira, 13 de agosto, todos se perguntavam sobre o impacto que a tragédia acabara de provocar na corrida presidencial. “Marina foi uma disciplinada, discreta e leal coadjuvante. Agora, com a morte do parceiro de chapa, poucos têm dúvidas de que vá retomar o papel de protagonista”, dizia a publicação. *Veja* trouxe as impressões de petistas e psdbistas sobre esta sucessão. Na ocasião, muitos acreditavam que Marina iria para o segundo turno com Dilma Rousseff, já que, após a morte de Campos, 55% dos entrevistados pela Big Data revelaram que o voto iria para a representante da Rede Sustentabilidade, contra 31% de Aécio Neves e 14% de Dilma Rousseff.

Sobre as chances de vitória no primeiro turno contra Eduardo Campos, Dilma declarou: “Era uma jovem liderança, com um futuro extremamente promissor”. Já Aécio, o qual os membros da sua campanha diziam que não havia garantia de que o tucano fosse para um segundo turno, disse: “O Brasil perdeu um político talentoso”. Para não perder o costume, além de uma foto de Dilma com cara de “deboche”, *Veja* também publicou parte do texto divulgado pelo Facebook do PT quando Campos decidiu sair candidato, ao invés de apoiar Dilma. “(...) Campos rifou não com apenas sua credibilidade política, mas se mostrou, antes de tudo, um tolo”, dizia o *post*. A revista destaca, porém, que quando o socialista morreu, o PT fez uma homenagem durante o programa eleitoral.

O foco de quatro páginas da matéria especial estava voltado para *As pistas da tragédia de Santos*, na qual os jornalistas Carlo Cauti e Jennifer Ann Thomas levantaram a questão da inexistência dos registros da caixa-preta do Cessna Citation, o que aumentou as dificuldades na investigação do acidente que matou Eduardo Campos. Para explicar a possível dinâmica do acidente – desde a decolagem do Rio de Janeiro até a queda em Santos – a revista traz um infográfico sobre *Os minutos finais do PR-AFA* (avião no qual Eduardo Campos estava).

Para finalizar a reportagem especial, o articulista André Petry faz uma reflexão sobre a influência dos líderes políticos nos rumos da história de uma nação. Em seu artigo *A história*



e os líderes: quem puxa quem, Petry relaciona a tragédia com pessoas políticas e seus sucessores e ainda questiona: a força individual de um líder move a roda da história? “Sociólogos e historiadores debatem se os líderes mudam o curso da história, mas é certo que, na morte, alguns ganham vida”. Com esta frase, utilizada na legenda de uma imagem, o jornalista traz a sensação de que, após a morte, líderes políticos se tornam mitos para uma sociedade. “São cadáveres políticos”, diz. “Faz-se política em nome dos mortos, para reescrever o passado ou modelar o futuro”. O articulista finaliza o texto também lamentando a morte de Campos, dizendo que perder uma liderança como Eduardo Campos, num país carente de líderes jovens capazes de trazer alguma lufada de ar novo ao ambiente político, é deixar uma incógnita eterna sobre a relevância da obra que nunca fará.

A última menção a Eduardo Campos ocorre na coluna do jornalista Roberto Pompeu de Toledo, no texto *O céu é o limite*. Em seu texto, Toledo passa, praticamente, por todos os assuntos abordados durante as outras páginas dedicadas a Eduardo Campos. Da História, também reforçando o título de “cadáver político”, citando Getúlio Vargas e Tancredo Neves; na sucessão de Marina e no que isso iria impactar dali em diante; e, por fim, a relação de Eduardo com a família.

Na edição do dia 27 de agosto, a semana da confirmação oficial da entrada de Marina Silva na disputa das eleições presidenciais de 2014, a capa da revista *Veja* estampa a foto da nova candidata questionando sua vitória nas eleições, mas sem nenhuma menção ao ex-candidato Eduardo Campos.

A editoria *Leitor* da revista *Veja* apresenta fragmentos das cartas enviadas pelos leitores sobre os temas expostos na edição passada da revista. Na semana do dia 20, Eduardo Campos havia estampado a capa da edição e tornou-se o assunto mais comentado da semana, digno de oito comentários de leitores, contra outros dez temas mais comentados que tinham apenas de um a quatro comentários. Já na editoria *Panorama*, com foco nas eleições de 2014, nenhuma das cinco notas menciona o ex-candidato e a atual candidata Marina Silva. Na série de três matérias sobre Marina Silva, a revista menciona Eduardo Campos diversas vezes, mas sempre em segundo plano.

Na primeira matéria, sobre a vida da então candidata à Presidência do país, as menções sobre o ex-candidato se referem apenas sobre o fato de ela ter se tornado candidata após a trágica morte de Eduardo Campos.

A segunda matéria aborda a escolha de Marina Silva como candidata no lugar de Eduardo Campos e menciona o ex-candidato quanto à possibilidade de Marina não seguir o seu legado.



Na última reportagem, que aborda as condições que costumam levar candidatos à vitória e os hábitos de Marina Silva quanto a isso, Eduardo Campos é citado quando a matéria apresenta a insegurança dos partidos que formaram a coligação do PSB na campanha de Eduardo, devido às divergências dos ideais de Marina.

A última referência a Eduardo Campos na edição do dia 27 de agosto é uma matéria de uma página sobre as novas pistas da morte trágica do ex-candidato. No texto, Eduardo Campos é citado apenas como vítima do acidente, sem nenhuma menção especial ou abordagem mais aprofundada sobre o político.

Na edição lançada no dia 10 de setembro, depois de quase um mês da sua morte, Eduardo Campos é mencionado em uma nota de oito linhas que se refere ao posicionamento da seguradora que regularizou o avião que transportava o ex-candidato, uma vez que esta se esquivava das afirmações para não pagar as indenizações do acidente.

A principal matéria da edição, e também capa da revista, se refere ao depoimento em que o ex-diretor da Petrobras, Paulo Roberto Costa, entrega os nomes de diversos políticos envolvidos no escândalo de corrupção da empresa. Eduardo Campos é um dos três governadores citados pelo ex-diretor, mas, exceto por uma foto dos três governadores, não há mais nenhuma menção ao ex-candidato na matéria.

A página 76 da edição apresenta uma matéria sobre os ataques dos adversários de campanha à Marina Silva. Apesar disso, não há nenhuma menção a Eduardo Campos no decorrer do texto.

ANÁLISE DO CONTEÚDO

Nota-se que a principal característica das edições da *Veja* anteriores à morte de Eduardo Campos, no que se refere ao político, é o predomínio da indiferença e da ausência de conteúdo sobre Campos, visto que seu nome praticamente não é citado antes de sua morte. As menções são mínimas, em pequenas notas, ou citado por fontes de outras matérias em que o destaque é outro assunto, e não Campos.

Tendo em vista o cenário político em que se contextualizam as edições, é notável que o centro das atenções são os escândalos do então atual governo. A revista traz conteúdos exclusivos e reveladores, com características de jornalismo investigativo. O posicionamento da revista evidencia, portanto, a linha editorial do veículo, visto que sua visão política se contrapõe ao atual modo de governo. Nesse sentido, Campos não atinge relevância suficiente para ganhar destaques na mesma quantidade de páginas em que estão assuntos referentes à Dilma Rouseff e também a Aécio Neves.



Eduardo Campos, que era então o terceiro candidato com mais intenções de votos das pesquisas, nada mais era do que um coadjuvante da grande batalha entre PT e PSDB, partidos que possuem o maior destaque dentro das matérias de política e também de economia em que o governo se envolve.

Outra característica é que, já nas edições posteriores à sua morte, Campos é citado com reverências e elogios em editoriais assinadas, ou seja, espaços que em que os jornalistas ou articulistas têm mais liberdade para emitir opiniões que não refletem, necessariamente, a linha editorial da revista.

Interpretação e opinião não são a mesma coisa. São semelhantes porque ambas buscam ir além do fato em si e dar uma explicação a ele. Mas são também muito diferentes. A opinião, no fundo, apenas se alimenta do fato para reafirmar um ponto de vista prévio. Já a interpretação é uma primeira leitura do acontecimento, é uma tentativa de juntar e relacionar seus vários fragmentos no momento em que ele está ocorrendo (MARTINS, 2013, p. 22)

Sendo assim, fica claro que a *Veja* não emite, no geral, sua opinião editorial, mas emite opiniões por meio de conteúdos assinados, colocando o peso da opinião em quem assina o texto. Já a matéria especial da edição do dia 20 de agosto traz dados que, aprofundados, resultam em interpretações do acontecimento, e não necessariamente em opiniões.

No paper *A morte como espetáculo midiático* (2013), os autores ROCHA e SANTOS informam que o pesquisador Ortega (2005) tem, como objeto de seu trabalho, o impacto das tecnologias de visualização médica sobre a corporeidade e como o mesmo obtém sucesso na cultura do espetáculo. O pesquisador afirma que os corpos visualizados nas telas de TV ou de computador são esvaziados de sua materialidade, descarnados e banalizados.

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. As suas diversidades e contraste são as aparências organizadas socialmente, que devem, elas próprias, serem reconhecidas na sua verdade geral. Considerado segundo os seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível. (DEBORD, 2003, p. 11)

Tomando como ponto de partida a explanação de Ortega, é possível afirmar que a morte do corpo também perpassa por uma banalização quando é tratada pela imprensa de modo espetacular e sensacional, quando se rende um culto diário e “fetichizado” à mesma.



Com a proliferação da morte de forma violenta, consequência das desigualdades sociais e dos problemas da vida urbana, além do caráter accidental da mesma (doenças, acidentes, infecções, velhice) com que a sociedade ocidental insiste em acreditar –, para as mídias em geral, o que é importante e interessante a se propagar não é a morte em si mesma, mas sim o modo assombroso com que o indivíduo se deparou com ela.⁹

Outro detalhe importante é a “mitificação” de Campos feita não só pela Revista Veja, como também outros periódicos que lembrou os brasileiros de que existia mais um candidato à Presidência além de Dilma e Aécio. No texto *‘Podemos elogiá-lo à vontade’*, publicado no *Observatório da Imprensa* no dia 19 de agosto, o jornalista Marcelo Torres critica o fato, dizendo que “Eduardo, depois de morto é [foi] coberto de elogios”. Em seu texto, Torres informa que, de acordo com as pesquisas Ibope, Vox Populi e Datafolha, de 50% a 60% dos brasileiros não conheciam Eduardo Campos, e essa era, inclusive, uma das justificativas para sua até então baixa *performance* nas pesquisas. Por meio dos dados, o jornalista quis “mostrar como, no noticiário e nos comentários, numa oficina ou num salão de beleza, um morto – um morto famoso – é logo transformado em um mito, talvez um deus do seu tempo e do seu mundo”.

Mas eis que a morte chega e provoca uma reviravolta, talvez até milagres. De uma hora para outra, gente que nunca ouvira falar no candidato do PSB agora o cobre de elogios, todo mundo agora ia votar nele. Não se pode duvidar da sinceridade do votante que ora se declara, o que se estranha é não ter havido antes tantos votos declarados como agora há, no calor da tragédia. O que havia era um movimento inverso – um ligeiro viés de queda nas pesquisas de intenção de votos. (TORRES, Marcelo. *‘Podemos elogiá-lo à vontade’*. Observatório da Imprensa. Acesso em: 25/11/2014)

Na análise de Marialva Barbosa (2004, apud OLIVEIRA-CRUZ, 2008), a morte no discurso midiático é caracterizada de forma dramática e excessiva quando os falecidos são personalidades públicas, “cujos cortejos de despedida são ritos públicos emocionados, acompanhados pela população nas ruas ou pela transmissão televisiva”. De acordo com Oliveira-Cruz, mesmo que a pessoa pública tenha uma história com polêmicas e contradições, o discurso midiático pós-morte costuma omitir desavenças e ser menos agressivo, ou seja, enaltecendo apenas feitos positivos.

⁹ Fonte: Paper A morte como espetáculo midiático. Acesso em 24 de novembro de 2014.
<<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2013/resumos/R36-0039-1.pdf>>



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, com base nas análises referenciais e do conteúdo da *Veja*, que houve uma mudança clara de tom no discurso da revista semanal após sua morte. Considerando as edições anteriores ao acidente, aqui analisadas, nota-se a diferença de quantidade de páginas com conteúdo dedicado a Eduardo Campos. Após a morte, várias vertentes de sua vida ganham destaque, com riqueza de detalhes; antes, contudo, o político aparecia apenas em notas e breves citações.

REFERÊNCIAS

BRICKMANN, Carlos. **Santo, santo, santo**. Observatório da Imprensa, ago. 2014. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed812_santo_santo_santo Acesso em 25 de novembro, 2014.

DEBORD. G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA-CRUZ, M. C. B. F. de. **Morro, logo existo: a morte como acontecimento jornalístico**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Brasil, v. 5, n. 1, p. 149-159, 2008. Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/estudos/article/view/5566>. Acesso em: 24 de novembro, 2014.

ROCHA, P. R.S; SANTOS, G. F. C dos. **A morte como espetáculo midiático**. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2013/resumos/R36-0039-1.pdf>. Acesso em: 25 de novembro, 2014.

TORRES, Marcelo. **‘Podemos elogiá-lo à vontade’**. Observatório da Imprensa, ago. 2014. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed812_podemos_elogia_lo_a_vontade Acesso em: 25 de novembro, 2014.